

# PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)  
*e outras arquiteturas*

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia

Ana Elisabete Medeiros

Paola Ferrari

EDITORA



**UnB**



**Universidade de Brasília**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

**EDITORA**



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
Andrey Rosenthal Schlee  
César Lignelli  
Gabriela Neves Delgado  
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
Liliane de Almeida Maia  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcanti  
Sely Maria de Souza Costa

# PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

*e outras arquiteturas*

EDITORA



**UnB**

**Coordenação de produção editorial**

**Revisão**

**Diagramação**

**Equipe editorial**

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)

E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser  
armazenada ou reproduzida por qualquer meio  
sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos  
eletrônico] : o Instituto Central de Ciências  
(ICC - UnB) e outras arquiteturas /  
organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete  
Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora  
Universidade de Brasília, 2023.  
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central  
de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi  
universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II.  
Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari,  
Paola (org.).

CDU 727:378.4

# Sumário

---

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

## PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

## PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

## CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliani Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279









# O instituto de Niemeyer<sup>1</sup>

---

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE

*Efetivamente, de 1959 a 1961, a criação da UnB foi a questão cultural mais séria, mais desafiante e mais empolgante que se colocou diante da intelectualidade do país, que via nela sua meta e sua causa (Darcy Ribeiro).*

#### **(PRÓLOGO SENTIMENTAL)**

Foi em 2005. Estava em Paris participando do 31º Simpósio Internacional promovido pelo francês *Institut National d'Histoire de l'Art* e pela americana *Society of Architectural Historians*. Na programação, uma palestra do professor Gérard Monnier, estudioso da obra de Le Corbusier. O auditório estava lotado e, para minha surpresa, o tema “edifício-evento e a história da arquitetura” foi desenvolvido por meio de uma análise bastante elogiosa do Instituto Central de Ciências (ICC) da Universidade de Brasília (UnB), tratado como um magnífico exemplar de nova tipologia edilícia.

Cinco anos depois, já em Brasília, ciceroneei o arquiteto Ryue Nishizawa, do consagrado escritório Sanaa. A Capital foi visitada de helicóptero e de carro. Sobrevoamos todo o Plano Piloto. Fomos ao Itamaraty, à Superquadra 308 Sul, ao Museu Nacional, e até na nova torre de telecomunicações, todos projetos de Oscar Niemeyer. Mas foi no interior do ICC que o silencioso arquiteto japonês exclamou: *wonderful!*

## O JARDIM PITORESCO

Em 1847, a cidade do Rio de Janeiro contava com três jardineiros ou floristas: João Eloy de Porciúncula, Manoel Thomaz dos Santos e Jean Baptiste Binot. Segundo divulgado pelo *Almanak Laemmert*, o francês Binot vivia em São Cristóvão, apresentava-se capaz de desenvolver todo o tipo de ornamentos como “caramanchões, pirâmides, arcos de triunfo e bancos de verdura” e anunciava dispor de uma “considerável coleção de riscos de jardins no gosto antigo e moderno”. Em 1874, a quantidade de profissionais dedicados ao “paisagismo” era bem maior. Binot estava vivendo em Petrópolis, e o *Almanak* deu destaque para Frederico Groth, encarregado de fazer “jardins, parques, labirintos, etc., com cascatas e rochedos ao gosto mais moderno”. Antecipando-se a Burle Marx, Groth sugeria o uso da “esplendida vegetação do país (...) tão pouco aproveitada para ornamento de jardins”. Nos dois casos, fica fácil constatar o papel de determinados especialistas europeus na difusão de novas linguagens ou maneiras de criar e organizar espaços. O que chamavam de “gosto moderno” é o que se denominou de jardim romântico ou inglês, em contraposição ao “gosto antigo”, o jardim clássico ou francês.

Segundo Peter Collins, foi nas *villas* suburbanas inglesas do século XVIII que se manifestou, provavelmente pela primeira vez, uma teoria estética fortemente influenciada pela literatura e pela pintura, segundo a qual se devia projetar como quem recria a natureza ou quem pinta uma tela de paisagem – o pitoresco. Os jardins sinuosos, assimétricos, harmoniosos e nos quais a novidade conduz a composição, são representativos de tal teoria. No Brasil vamos encontrá-la na obra daqueles paisagistas pioneiros. Jean Baptiste Binot desenvolveu os jardins do Palácio Imperial de Petrópolis. Frederico Groth foi jardineiro-chefe do carioca Palácio de São Cristóvão. E Auguste François Marie Glaziou, o mais importante entre todos, projetou o Parque São Clemente em Nova Friburgo, ajardinou o Campo de Santana, e remodelou o Passeio Público e a Quinta da Boa Vista – todos no Rio de Janeiro. Até mesmo Grandjean de Montigny, o arquiteto da Missão Francesa de 1816, havia experimentado o pitoresco nos jardins para o Palácio de Jerônimo Napoleão na Vestfália, mas não chegou a reproduzi-lo no Brasil. Modelo que foi definido pelo arquiteto Richard Mique – o paisagista de Maria Antonieta –, no seu projeto para os jardins do Petit-Trianon, em franco contraste com os anteriormente desenhados por Jacques Ange Gabriel.

## A CIDADE UNIVERSITÁRIA DO BRASIL

No Brasil, coube a Lucio Costa propor o diálogo da arquitetura moderna na cidade figurativa e, também, da arquitetura moderna no jardim pitoresco. A regularidade do projeto da Cidade Universitária do Brasil se contrapõe ao desenho sinuoso da Quinta da Boa Vista (de Glaziou); a sequência de varandas perfiladas e contidas do Park Hotel de Nova Friburgo debruça-se sobre o lago do parque de São Clemente (de Glaziou); e os blocos do Parque Guinle, como na dança de um “mestre-sala”, protegem e cortejam os jardins do palacete de Eduardo Guinle (de Gerárd Cochet), nas Laranjeiras. São ilustrações esclarecedoras da maneira de Lucio Costa trabalhar.

Mas é no projeto da Universidade do Brasil que vamos encontrar lições e precedentes importantes. A cidade figurativa cerca a gleba original. O subúrbio de São Cristóvão, irregular e descontínuo, é vizinho do antigo Paço Real – feito Museu Nacional desde 1892. Antes, a Quinta fora remodelada e assumira desenho pitoresco. Mas a paisagem, segundo o próprio Lucio Costa, parecia “atormentada”. Para o arquiteto, a ordem se impôs. E um fragmento de cidade funcional foi projetado considerando um eixo de composição principal capaz de garantir uma “variedade de impressões” a partir de um conjunto arquitetônico uniforme. Assim, na cidade Universitária, frente à irregularidade e a descontinuidade, Lucio Costa propôs o regular e o contínuo.

## OS TRÊS PAPADAKI

A leitura sequencial dos três livros de Stamo Papadaki sobre Oscar Niemeyer, publicados no intervalo de dez anos, entre 1950 e 1960, permite verificar a rápida elaboração do repertório projetual do arquiteto<sup>2</sup>, bem como a transformação de sua obra a partir das influências de Le Corbusier, Lucio Costa e Mies van der Rohe.

O livro pioneiro, *The Work of Oscar Niemeyer*, traz projetos exemplares como a Obra do Berço/RJ, o Ministério da Educação e Saúde/RJ, o Pavilhão Brasileiro da exposição de Nova York, o Grande Hotel de Ouro Preto/MG, a residência do arquiteto na Gávea/RJ, o Conjunto da Pampulha/MG, o Teatro Municipal de Belo Horizonte/MG, o Restaurante na Lagoa Rodrigo de Freitas/RJ, o Banco Boavista/RJ, a Residência Tremaine em Santa Bárbara/Califórnia, o Monumento a Rui Barbosa/RJ e a Fábrica Duchen/SP.

O segundo livro, *Oscar Niemeyer: works in progress*, foi dividido em três partes. Na primeira, os edifícios foram agrupados em função de seu tamanho, naquilo que Papadaki denominou de *new giantism*, como resposta à escala subcontinental do Brasil. Neste grupo foram incluídos os megaprojetos para o Hotel Quitandinha em Petrópolis/RJ, o Edifício Montreal/SP, o Edifício Copan/SP, o Conjunto JK/BH e o Hospital Sul América/RJ. No mesmo grupo, poderia ainda ser incorporado o conjunto do Parque do Ibirapuera/SP, especialmente em função das dimensões de sua marquise. Todas, edificações projetadas durante a década de 1950.

No terceiro livro, *Oscar Niemeyer*, Papadaki buscou uma leitura global da obra do arquiteto até aquele momento, incorporando ao conjunto anteriormente estudado os projetos para Brasília, como os palácios da Alvorada e do Congresso Nacional, a Igreja de N. S de Fátima, a Catedral (em maquete), o Brasília Palace Hotel, os blocos de apartamentos e as residências geminadas. Os edifícios da Universidade de Brasília, no momento da publicação (1960), ainda não estavam projetados. Teriam que aguardar até 1965 e 1975 para uma divulgação internacional, quando, respectivamente, Willy Stäubli publicou o livro *Brasília* ou o próprio Oscar Niemeyer, em colaboração com a editora Mondadori, organizou a edição de *Oscar Niemeyer*. O livro traz a reprodução fotográfica das maquetes da Praça Central da Universidade e do Instituto Central de Ciências; imagens do Centro de Planejamento já em funcionamento e desenhos do Convento dos Dominicanos (Instituto de Teologia, atual Fundação Educacional/DF), todas obras datadas como de 1960 (sic). Por fim, igualmente reproduz a maquete e desenhos do centro de Exposições Permanente de Trípoli, Líbano.

## O RELATÓRIO DE COSTA

Segundo Lucio Costa, em sua *Memória Descritiva do Plano Piloto*, Brasília foi planejada para o “trabalho ordenado e eficiente”. Ao mesmo tempo, deveria assumir a condição de “cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, um foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país”. Mas como estimular tais quimeras, utopias ou fantasias? Ou onde centrar tal foco cultural?

A resposta parece estar contemplada no item nono da mesma *Memória*. Nele, o urbanista definiu a posição do Ministério da Educação e da própria cidade universitária, configurando uma espécie de triângulo de integração com o setor cultural da capital.

A história e a cronologia são conhecidas. Em 1958, Darcy Ribeiro foi “estimulado a levar adiante os estudos que conduziram à criação da UnB”. Logo se estabeleceu uma forte disputa entre a Companhia de Jesus e a Ordem Dominicana. Os primeiros, desejando fundar uma Universidade Católica em Brasília. Os segundos, atraídos pela possibilidade de criação de um Instituto de Teologia Católica em uma universidade estatal. Vencida a questão, tratou-se de construir uma instituição laica.

Em 21 de abril de 1960, Juscelino Kubitschek enviou ao Congresso Nacional uma mensagem solicitando autorização para a criação da Universidade de Brasília e do Sistema Educacional do Distrito Federal. Logo, Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos e Oscar Niemeyer passaram a compor a comissão encarregada de pensar a nova Universidade. A eles, juntou-se Alcides da Rocha Miranda, o representante do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na nova Capital.

Mas quando eu cheguei em Brasília [1960] eu era o único arquiteto do Ministério da Educação. Então, o problema da Universidade foi logo colocado pra mim, porque havia uma ideia de trocar o terreno que [originalmente] tinha sido designado pra Universidade com outro terreno daquela chamada Vargem Bonita. Quando pediram minha opinião [...] eu disse: seria interessante que a Universidade ficasse com os dois terrenos [...] esse seria um terreno muito interessante para pesquisas agrônômicas e o outro seria o primeiro Centro Cultural da cidade (grifo nosso).

Finalmente, em 15 de dezembro de 1961, o presidente João Goulart sancionou a lei que autorizou o Poder Executivo a estabelecer a Fundação Universidade de Brasília, uma instituição autônoma não governamental administrada por um Conselho Diretor<sup>3</sup>. Lei que também definiu o patrimônio inicial da Fundação, em parte constituído por terrenos destinados à construção “de uma Universidade em Brasília” (257 hectares no Plano Piloto) e pelas projeções correspondentes a doze superquadras situadas na asa norte. Parte das terras da Vargem Bonita, 4.340 hectares, foram igualmente incorporados à UnB e compõem a atual Fazenda Água Limpa.

Por sua vez, a Universidade seria formada por Institutos Centrais e por Faculdades. Enquanto aos primeiros caberia “ministrar os cursos básicos, de ciências, letras e artes”, aos segundos corresponderia a tarefa de “ministrar cursos de graduação para a formação profissional e técnica”. Ambos ofereciam, de forma integrada, cursos de pós-graduação. A estrutura educacional era relativamente simples, quatro semestres de nível básico (“cursos introdutórios para todos os alunos da Universidade, a fim de lhes dar preparo intelectual e científico básico”), seis de nível de formação (bacharelado e graduação) e mais quatro de estudos de pós-graduação (doutorado). Ao todo, seriam oito institutos e seis faculdades<sup>4</sup>, todos criados com apoio de seus respectivos departamentos didáticos e centros de pesquisa.

No caso específico da Arquitetura, os estudantes cursariam as disciplinas correspondentes ao básico, ofertadas pelos diferentes institutos, e receberiam treinamento especializado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, apoiada pelo Centro de Planejamento Regional, o CEPLAN. A previsão original era formar arquitetos, arquitetos paisagistas, arquitetos em construção civil, arquitetos de interiores, desenhistas industriais e urbanistas e planejadores regionais. Dos institutos, o Central de Artes (Ica) foi o único que não recebeu um currículo fechado, uma vez que foi pensado para propiciar uma consistente vida cultural no interior da futura cidade universitária e da própria Capital. Segundo o *Plano Orientador da Universidade*, ao Ica caberia ainda investir “na formação artesanal e no apuramento do gosto dos estudantes de arquitetura, de desenho industrial, da arte do livro, das artes gráficas e plásticas, na formação dos especialistas no uso de meios audiovisuais de difusão cultural e de educação”. Para tanto, foram contratados importantes e reconhecidos profissionais, como Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Cláudio Santoro, Décio Pignatari, Jean-Claude Bernadet, Nelson Pereira dos Santos, Paulo Emílio Salles Gomes, entre muitos outros. José Zanine Caldas, sem formação superior, foi incorporado como encarregado da oficina de maquetes. As aulas começaram em nove de abril de 1962 e, no segundo aniversário de Brasília, o campus foi precariamente inaugurado.

Ao todo, foram três as cidades universitárias desenhadas. Duas delas podem ser constatadas na chamada série histórica de plantas urbanísticas do Plano Piloto.

## A CIDADE INTEGRADA

Como visto, o Plano Piloto de Brasília foi elaborado por Lucio Costa em 1957. A nova Capital foi inaugurada por Juscelino Kubitschek em 1960. No mesmo ano, foi oficialmente encaminhada a criação da Universidade de Brasília e, como uma consequência natural do plano fundacional, Lucio Costa também desenhou a Cidade Universitária, e Oscar Niemeyer passou a projetar seus principais edifícios.

No mapa de 1957, Lucio Costa lançou a cidade universitária (a primeira). O campus ficaria no lado norte de Brasília, na porção de terra contígua à esplanada dos ministérios. Como todo o resto, estaria distante do Lago Paranoá. Uma cidade funcional dentro de outra. Um parque, com parcelamento não identificado e tecido edificado pela repetição de barras semelhantes, contrastando com poucos edifícios distintos: os temas destaque (uma aula magna ou um museu, provavelmente). O jogo do repetitivo e do exemplar já havia preocupado Le Corbusier quando criara seus elementos de urbanismo. Ele e Lucio Costa experimentaram tal jogo em seus respectivos planos para a Cidade Universitária do Brasil no Rio de Janeiro.

## A CIDADE DESTACADA

Em mapa anexado ao *Programa* das solenidades de instalação do Governo Federal em Brasília, curiosamente, outra cidade universitária foi desenhada (a segunda). Uma composição compacta, apoiada em uma espécie de grande plataforma, que contém e organiza seis edifícios barras, provavelmente em altura, e alguns temas destaque.

Sem autoria comprovada, o desenho nos remete à escultura *Projeto de uma praça* (1930-31), de Alberto Giacometti. Obra que, conforme Joep Maria Montaner, é a chave para o entendimento do conceito de espaço público da arquitetura moderna: diversos objetos abstratos colocados sobre uma plataforma. Para o autor, “a arquitetura moderna projetou de maneira sistemática o espaço aberto, a matéria invisível que se configura entre as formas abstratas dos edifícios e que permite articular a complexidade”. Processo que teria raízes históricas conhecidas, “na história antiga (nas arquiteturas das antigas Grécia e Roma e no urbanismo mesoamericano) e na história recente (nos parques e espaços urbanos do barroco, nas composições cinemáticas do pitoresquismo inglês e nos traçados do urbanismo do século XIX)”.



## MONUMENTAL, CÔMODA, EFICIENTE, ACOLHEDORA E ÍNTIMA

Durante a execução do Plano Piloto, muita coisa mudou. Como é sabido, a cidade inventada foi “deslocada” para leste e implantada em sítio distinto daquele para o qual foi projetada. Assim, Brasília ficou um pouco mais próxima do Lago, um anel de embaixadas passou a isolar os ministérios e a Cidade Universitária acabou afastada do centro do poder. Em dezembro de 1961, o engenheiro Israel Pinheiro, feito primeiro prefeito da Capital, definiu uma nova gleba para o campus, agora distante, aproximadamente, 3 km do Ministério da Educação.

Lucio Costa havia inventado a Capital. Mas um novo desafio estava posto: como projetar a cidade universitária sem “descaracterizar” ou “desequilibrar” a proposta original. Brasília fora inaugurada completa em seus elementos estruturais: eixo residencial, eixo monumental e plataforma rodoviária. O risco de 1957 estava praticamente executado e a cidade nascia com grande unidade. O zoneamento funcional proposto definira o próprio arcabouço espacial da cidade, com setores rebatidos (de comércio, de diversões, de hotéis, de bancos, de autarquias, de embaixadas, de superquadras...) nas respectivas porções norte e sul. Projetar um campus universitário representava, ao mesmo tempo, a introdução de uma “nova” função na cidade já inaugurada e a definição de um “novo” desenho para um trecho único da Capital – uma gleba com cerca de 257 hectares (capaz de conter no seu interior todo a Esplanada dos Ministérios e a Praça dos Três Poderes!).

Explicando Brasília, Lucio Costa afirmou que:

A solução apresentada é de fácil apreensão, pois se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade no tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando daí a harmonia de exigências de aparência contraditória. É assim que, sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional.

E assim, considerando a possibilidade de variedade no tratamento das partes e a natureza peculiar da função, o arquiteto criou um campus que inverteu a lógica empregada na Cidade Universitária do Brasil. No Rio de Janeiro, frente à irregularidade e a descontinuidade do entorno, imaginou um desenho regular e contínuo. Em Brasília, frente à regularidade e a continuidade da Capital, desenhou um parque pitoresco.

Mais uma vez, Lucio Costa propôs o diálogo da arquitetura moderna no jardim pitoresco:

Toda a área é cortada por estradas, predominantemente curvas, que pela suavidade contrastam predominantemente com as linhas hieráticas do conjunto da cidade. Estas vias conformam, bem ao meio do campus, uma vasta área gramada em torno da qual se situarão os edifícios dos Institutos Centrais.

Uma das características mais nobres do plano de Lucio Costa para a Universidade de Brasília é o de deixar livre todo o conjunto dos terrenos como um vasto parque aberto à população que será tratado, paisagisticamente, com o cuidado de preservar a vegetação original, enriquecendo-a através do destaque de cada gênero florístico, mediante a sua concentração em uma área especial.

### A CIDADE DE COSTA(S)

Para o sítio definitivo, Lucio Costa projetou outra cidade universitária (a terceira), denominada *Plano de Urbanização da U.B.A.* Um desenho que reproduziu a forma de organização administrativa da própria UnB, que, então, era baseada na integração de três modalidades de órgãos: os institutos, as faculdades e as unidades complementares. Segundo o autor de Brasília:

Eu apenas determinei o local. Inicialmente eu dei uma distribuição daqueles vários setores. Isso, logo no começo de Brasília, em 64 [sic]. O Darcy Ribeiro me pediu, porque estava empenhado em fazer uma universidade em moldes atuais, modernos. O Anísio Teixeira era um apaixonado, um dedicado ao ensino... Eles estavam imbuídos do espírito das universidades americanas (grifo nosso).

Por opção de Lucio Costa, o campus deu as costas para a Capital. O restante da cidade e o próprio lago tornaram-se apenas referências visuais. Não condicionam ou determinam nada no partido adotado. Simultaneamente, a universidade não se integra diretamente com a cidade e não usufrui do lago. Logo, volta-se para si mesma. A sua Praça Maior comprova tal tese.

A gleba destinada à UnB tem o formato de um “arco indígena”. No qual, a “corda” corresponde à via L3 Norte – limite com a cidade projetada; e a “vara arqueada”, à via L4 Norte – “Via da Universidade”, próxima ao lago. Na porção central desta “vara” (nordeste), Lucio Costa implantou a chamada Praça Maior

que, embora tenha sido denominada “entrada magna”, volta-se para o interior do conjunto. Significa que não está visualmente aberta para o lago, mas para os demais edifícios educacionais. Trata-se de uma praça seca (provavelmente verde) e quadrangular, delimitada por edifícios funcionalmente significativos que a tangenciam: a Aula Magna, a Reitoria, a Biblioteca, a Rádio e o Museu da Civilização Brasileira. Deste núcleo cultural e administrativo fariam parte, ainda, o Museu da Ciência, o Museu da Arte e a Editora da UnB.

Foi o antropólogo e educador Darcy Ribeiro quem definiu quais seriam as chamadas unidades complementares da UnB, “destinadas a funcionar supletivamente como centros de extensão para a cidade e para o país”: a Aula Magna (um “grande auditório montado para atender às necessidades da Universidade e do país”); a Biblioteca Central, o Centro de Teledifusão Educativa, a Editora e o *Museum* (que “compreenderá o Museu da Ciência e da Técnica e o Museu da Civilização Brasileira”).

Da Praça Maior, mas sem tocá-la, partem em direção à via L3 Norte, dois eixos divergentes que cortam o campus no sentido transversal. O da porção sul foi chamado de eixo da tecnologia, e o da porção norte, de eixo das ciências médicas. Ao tocarem a via L3, os eixos configurariam mais dois acessos à Universidade (propondo uma espécie de triangulação com a entrada magna).

No sentido longitudinal, Lucio Costa lançou duas outras vias, sinuosas e quase sempre paralelas entre si. Desta forma, ficou configurada uma grande malha de nove macro parcelas irregulares distribuídas em leque a partir da Praça Maior, cada uma correspondendo a uma determinada função ou área de conhecimento (Tecnologia-Serviços Gerais-Ciências Médicas; Matemática-Física-Química-Geociências; Artes-Vivência-Humanidades).

Isolado na extremidade noroeste do campus, Lucio Costa imaginou implantar o conjunto esportivo. Solução igualmente adotada no projeto de 1936 para o Rio de Janeiro. Também como na Universidade do Brasil, os prédios seriam projetados e construídos isolados, respeitando condicionantes administrativos e disciplinares, mas também um desejo do próprio autor.

## A UNIVERSIDADE DESEJADA

Gozando de autonomia financeira, didática, administrativa e disciplinar, a UnB deveria “empenhar-se nos estudos dos problemas relacionados com o desenvolvimento econômico, social e cultural do país”. Uma instituição inspirada

e inspiradora, que nasceu a partir da articulação de três cursos então considerados provisórios ou transitórios: 1) Direito-Economia-Administração, coordenado por Vitor Nunes Leal; 2) Letras Brasileiras, coordenado por Cyro dos Anjos e 3) Arquitetura e Urbanismo, coordenado por Oscar Niemeyer e Lucio Costa – esse, mais uma vez, numa condição *ad hoc*. Cabia a Niemeyer, de fato, montar o quadro docente do novo curso, como testemunhou o próprio João Filgueiras Lima, o Lelé:

Passei a trabalhar diretamente com Oscar em 1961[...] Ele convocou-me inicialmente para chefiar o Dua [Departamento de Arquitetura e Urbanismo], ocupando o lugar de Nauro [Esteves] que havia se afastado de Brasília. Devido às dificuldades criadas pela então Prefeitura de Brasília para a minha contratação, Oscar resolveu me indicar para a Secretaria Executiva do Ceplan... Foi um período de muito trabalho. Além de acompanhar os projetos e construções da universidade recém-criada por Darcy Ribeiro, assumi também o setor de tecnologia do curso de arquitetura. Ítalo Campofiorito foi designado por Oscar para a Secretaria Executiva do curso (grifo nosso).

Conforme citado, Oscar Niemeyer não se furtou da tarefa, rapidamente convocando para atuar na Universidade arquitetos de seu círculo de amizade, muitos dos quais havia conhecido em Brasília ou já trabalhavam com ele no Rio de Janeiro e na Novacap, a Companhia Construtora da Nova Capital.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo entrou em funcionamento em 1962, com sede temporária na Esplanada dos Ministérios e com atividades *in loco* no canteiro de obras do futuro campus. Implica que o objeto de estudo era a própria cidade de Brasília, e o campo de treinamento prático era a Universidade em construção. Ficavam os alunos constantemente sob orientação dos professores ou instrutores (alunos de pós-graduação), todos participando diretamente das tarefas relacionadas com o desenvolvimento dos projetos dos edifícios, equipamentos e mobiliário para a cidade universitária.

O ensino estava organizado em três segmentos fundamentais: o da Composição e Planejamento, dirigido por Glauco Campello; o da Tecnologia, dirigido pelo próprio Lelé; e o da Teoria e História, dirigido por Edgar Graeff. Oscar Niemeyer era o coordenador geral e Ítalo Campofiorito o secretário executivo. Alcides da Rocha Miranda coube a direção do Instituto Central de Artes (Ica).

Assim como o Ica, a graduação era assistida pela pós-graduação, tendo no Ceplan – Centro de Planejamento uma estrutura peculiar de apoio que, além de responder pelos projetos do Campus, viabilizava na prática a ação dos pós-graduandos. Estamos novamente em face do ensino e sua aplicação; isto é, em face do viés bauhauseano: o corpo teórico que se preocupa com as leis da forma, o conhecimento da natureza e domínio dos materiais, das técnicas e dos processos produtivos, todos voltados para sua utilização conforme os preceitos éticos do comprometimento social comum. O Ceplan foi responsável à época pelo maior canteiro de pré-moldagem da América Latina. Era, portanto, um campo de experimentação exitosa que objetivava a pré-fabricação da construção no país (grifo nosso).

Ainda em 1962, cerca de vinte “jovens arquitetos e engenheiros” foram selecionados para participar de um pioneiro curso de pós-graduação e, “ao lado dos estudos em seminários e dos programas de treinamento”, passaram a exercer a função de instrutores na graduação. Coube a Lelé coordenar o curso de pós-graduação, especialmente atuando no tronco de técnicas da construção, pré-industrialização e pré-fabricação. Uma importante história ocorrida na UnB que, embora reconhecida por muitos, ainda está sendo registrada, permanecendo na memória daqueles que a testemunharam. Segundo depoimento do ex-instrutor e ex-reitor da UnB, João Cláudio Todorov:

Éramos os *instrutores* ao mesmo tempo alunos de pós-graduação e professores e exercíamos a docência sob a direção dos pesquisadores mais qualificados. Muitos deles eram nossos orientadores de tese. Estipulou-se que ao final de dois anos, o *instrutor* deveria apresentar sua tese e com título de Mestre poderia candidatar-se ao concurso de ingresso na carreira docente, como assistente.

O tema da industrialização da construção estava na base da UnB. De um lado, em função dos próprios objetivos e compromissos da Instituição – buscar soluções para os problemas do Brasil –, de outro, por razões pragmáticas, pois era necessário cumprir um ambicioso programa de obras em um curto espaço de tempo. Darcy Ribeiro impôs o ritmo das obras e os arquitetos do CEPLAN optaram pela pré-fabricação.

## PRIMEIRA FASE DA ARQUITETURA DA UNB

Ainda em 1962, o campus começou a receber suas primeiras construções. Algumas provisórias, outras tantas definitivas. Era necessário construir muito e rapidamente. Teve início, então, a primeira fase da arquitetura da UnB, caracterizada sobretudo pela experimentação e pela adoção de sistemas pré-fabricados. Essa fase foi marcada pela presença de Oscar Niemeyer, que projetou boa parte dos imóveis e dirigiu o CEPLAN; e Lelé, que desenvolveu peças pré-moldadas e testou sistemas construtivos. Neste momento foram executadas obras – até hoje – significativas para a arquitetura brasileira, como os pavilhões de Serviços Gerais, as Ocas, o conjunto da Faculdade de Educação, os blocos residenciais da Colina Velha e o ICC. Do ponto de vista arquitetônico, é possível perceber que tal fase se esgotou nos últimos anos da década de 1960.

Ao iniciar a sua atividade no CEPLAN, Oscar Niemeyer introduziu modificações substanciais no projeto de Lucio Costa (no *Plano de Urbanização da U.B.A.*), que passou a ser respeitado apenas como uma sugestão de macrozoneamento.

Enquanto Alcides da Rocha Miranda e Sérgio Rodrigues projetavam, respectivamente, a Faculdade de Educação e os dois pavilhões chamados Ocas; Oscar Niemeyer desenvolveu a sua Praça Maior e, com a ajuda de Lelé, o ICC e o setor de serviços gerais. Ocupando-se, portanto, da porção central do campus (vivência – institutos – serviços gerais). Para cada um destes setores (ou macro parcelas), o arquiteto propôs soluções distintas e de caráter apropriado: a Praça Maior – o ICC – os Pavilhões de Serviços Gerais.

Oscar Niemeyer inverteu o sentido da Praça Maior de Lucio Costa que, em sua nova versão, passou a abrir-se completamente para as visuais do lago. Agora funcionando como uma plataforma de desenho retangular, a Praça passou a articular apenas quatro prédios fundamentais: a Aula Magna, a Reitoria, a Biblioteca e o Museu da Civilização Brasileira. Sendo que o Museu, elevado quatro metros do solo, atuaria como pórtico ou porta para o restante da Universidade. Segundo Oscar Niemeyer:

Ao estudarmos a Praça Maior da Universidade de Brasília, foi nossa preocupação impedir que seus edifícios lhe conferissem, por suas proporções, aspecto monumental. Com esse objetivo reduzimos alturas, volumes e espaços livres, desejosos de manter na mesma um caráter singelo e universitário. Isso, entretanto,

não constitui tarefa fácil de realizar, considerando os edifícios que a compõem, edifícios que se baseiam em vastos e complexos programas construtivos (1962). A Praça Maior constitui a entrada principal da Universidade [...] O projeto procura garantir para a praça – apesar de se tratar de edifícios de grande porte – um caráter singelo e acolhedor. Nesse sentido reduziram alturas e volumes, prevendo-a ajardinada e aprazível (1963).

Existem duas variantes do projeto de Oscar Niemeyer para a Praça Maior da UnB. No primeiro, o prédio da reitoria atua como marco vertical no campus, com 50 m de altura, cerca de 16 pavimentos (o Congresso Nacional tem 27 pavimentos). No segundo, a reitoria assume uma posição secundária aos demais monumentos do conjunto.

## UM REGISTRO NECESSÁRIO

Lucio Costa, mesmo residindo no Rio de Janeiro, acompanhou os trabalhos de implantação e construção da UnB. Atento, sempre que necessário, opinou sobre o processo em curso. Em novembro de 1962, o urbanista apresentou uma proposta para a adequação e implantação da segunda Praça de Oscar Niemeyer. Redesenhou o sistema viário local, definiu áreas de estacionamento junto aos principais edifícios e criou uma alameda de acesso – que corresponde a um eixo arborizado que secciona transversalmente a Praça proposta, isolando o edifício da biblioteca do restante do conjunto. Mais do que isso, Lucio Costa reforçou o caráter pitoresco local, valorizando as duas vias curvas originais, desenhando massas de vegetação e sugerindo a execução de dois lagos artificiais (importantes para solucionar problemas do sítio). Com o estabelecimento da alameda de acesso, o museu-pórtico de Oscar Niemeyer teria sua importância reduzida, uma vez que parte de sua estratégia de monumentalidade seria transferida para um novo pórtico, agora localizado junto à via L4 Norte (Via da Universidade). Era uma estrutura caracterizada por uma plataforma de base quadrada na qual estaria apoiado um obelisco, elemento constantemente utilizado nos parques pitorescos e também na obra de Lucio Costa. Lago, alameda, vegetação e obelisco foram registrados em bela perspectiva e escondem os edifícios propostos.

Em 1963, um número especial da revista *Módulo* foi destinado à UnB. Segundo matéria então publicada, o urbanismo do campus estava sob

responsabilidade de Lucio Costa, Jaime Zettel e Ítalo Campofiorito; enquanto os projetos arquitetônicos cabiam a Oscar Niemeyer, Lelé, Sabino Barroso, Glauco Campelo, Virgílio Sosa Gomes, Evandro Pinto, Abel Accioly e Hilton Costa – todos atuando no CEPLAN. No entanto, com a ditadura militar instaurada no Brasil a partir de 1964, a Universidade tomou outros rumos. A Praça Maior de Oscar Niemeyer não foi executada, tampouco as sugestões de Lucio Costa foram consideradas. Assim, o grande parque pitoresco não chegou, de fato, a ser executado. Já na década de 1970, o paisagista Fernando Magalhães Chacel apresentou novo projeto para a área central da UnB, que acabou sendo implantado.

## O INSTITUTO DE NIEMEYER

Felizmente, depois, com o Oscar [Niemeyer] integrando-o e com o seu gosto pelas grandes estruturas, em vez de disseminar muitos edifícios para cada grupo, criou aquela estrutura grande, abrangendo todos os vários departamentos, institutos de ciências, concentrando aquela galeria. E é bonito, com toda aquela vegetação. É o que eles chamam de “Minhocão”. Há jardins, não há? (grifo nosso).

Ao desenhar para o campus da UnB, Oscar Niemeyer manteve os dois eixos transversais propostos por Lucio Costa e fez deles limites projetuais. Ao imaginar o Instituto Central de Ciências – conhecido como “minhocão” –, uniu em uma única edificação os diferentes e isolados blocos de Lucio (Matemática-Física-Química-Geociências). Anos mais tarde, Darcy Ribeiro brincaria que “foi por preguiça que Oscar projetou o Minhocão tal qual ele é...”, para logo esclarecer:

A verdade que há nisso é que Lucio Costa previa no plano urbanístico oito áreas para os Institutos Centrais, cada uma delas contando com edifícios especializados para anfiteatros, salas de aula, laboratórios, departamentos, bibliotecas, etc... No total somariam para mais de quarenta edificações que deveriam ser projetadas e construídas uma a uma. Oscar resumiu tudo isso num edifício só... Ao fazê-lo, porém, renova a arquitetura das universidades (grifo nosso).

Por suas dimensões e forma inusitadas, o ICC passou a dialogar com a Praça Maior, reforçando o desenho do “leque” original de Lucio Costa. Entre os



dois conjuntos (o didático e o administrativo), aproveitando a declividade natural do sítio, foi delimitada uma grande praça verde de convívio variado. Com seus projetos, Oscar Niemeyer forçou a Universidade a olhar para o lago.

Trata-se de um volume baixo, linear e curvo, com cerca de 712 m de extensão<sup>5</sup> por 74 m de largura, composto de dois blocos paralelos, afastados um do outro por uma faixa ajardinada de 15 m. O Bloco A, voltado para leste, com 31 m de largura, apresenta parte de sua área com pé-direito duplo e foi pensado para abrigar, em dois pavimentos, os diferentes laboratórios da Instituição. Já o Bloco B, oeste, apresenta 28 m de largura e foi pensado para abrigar, ao longo de seus dois pavimentos e subsolo, os anfiteatros.

Quando da execução da obra, a ala leste também ganhou um nível em subsolo, destinado às unidades de suprimento e depósitos, acessíveis por meio das escadas e por uma rua interna de serviço, que percorre o edifício de ponta a ponta. Ainda no subsolo, a porção central, que corresponde ao jardim do pavimento térreo, recebeu uma série de espaços de ensino, sendo batizada de Bloco C.

Criado por Oscar Niemeyer e desenvolvido por Lelé, o ICC foi calculado pelo engenheiro Bruno Contarini, do escritório Sérgio Marques de Souza (Sobrenco Engenharia). O responsável pela execução do edifício foi o engenheiro Murilo S. Andrade, da Construtora Rabello S.A., de Marco Paulo Rabello.

Bruno Contarini trabalhou com Sérgio Marques de Souza de 1958 a 1967. Segundo registrou, o sócio “foi um dos maiores engenheiros estruturais deste Brasil de tantas obras notáveis. Foi um dos últimos elos entre Emílio Baumgart e a moderna engenharia estrutural”. Com o passar do tempo, o escritório se concentrou em realizar projetos para a Construtora Rabello, então a maior do País, e que respondia por boa parte das obras de Brasília, entre as quais as da plataforma rodoviária, de Lucio Costa e do Teatro Nacional, de Oscar Niemeyer – ambas calculadas por Contarini.

Para erguer a gigantesca edificação, como demonstrou Neusa Cavalcante, foi desenvolvido um engenhoso sistema de peças pré-moldadas em concreto armado, que congrega pilares externos, espaçados 3 m de eixo a eixo e com 20 cm de espessura. Vigas protendidas de cobertura, em perfil T, vencendo vão de até 30 m, com 1,20 m de altura e peso aproximado de 45 toneladas. Pilares externos e vigas de cobertura configuram os grandes pórticos que caracterizam os Blocos A e B. Foram igualmente produzidas as vigas-lajes do térreo e mezanino com espessura média de 18 cm no vão maior e com módulo de um

metro pelo vão correspondente, concebidas de forma a permitir, em qualquer ponto, a passagem das instalações.

No sentido longitudinal – 712 m –, o “Minhocão” é composto de dois trechos retos (Ala Sul e Ala Norte) e um arqueado (Ala Central). Entre os três segmentos, foram dispostos os dois acessos principais do imóvel que, como praças secas, transpassam o prédio transversalmente. Em cada praça, Oscar Niemeyer colocou uma rampa em balanço como que assinando sua obra.

A força plástica das rampas, a curvatura do prédio, o ritmo proposto pelos pórticos estruturais aparentes e a variada vegetação dos jardins internos garantem ao prédio uma surpreendente, diversificada e rica leitura.

### ALGUMAS REFERÊNCIAS

No contexto da obra do próprio Oscar Niemeyer, o ICC pode ser caracterizado como uma surpresa, mas não como uma novidade, principalmente quando analisados os seus elementos arquitetônicos ou de composição. Sylvia Ficher fala em “concepção audaciosa”. Trata-se de mais um megaprojeto dentre os classificados por Papadaki. Uma obra brutalista, onde “a estrutura dos edifícios passa a ser o elemento formal dominante, acentuada por seu superdimensionamento e pelo emprego do concreto armado aparente”, conforme a concepção original da Catedral de Brasília (1958).

Como nas antigas catedrais góticas, caracterizadas pela repetição dos arbotantes, no ICC, temos um edifício linear marcado pela sucessão ritmada dos elementos estruturais, agora, de pórticos pré-moldados de concreto protendido. Solução que Oscar Niemeyer já havia experimentado na exitosa, e infelizmente demolida, Fábrica Duchen (1950), mas com dimensões mais modestas – uma edificação de aproximadamente 300 m de comprimento, 10 m de altura, e dois vãos de 18 m cada. Na Duchen, e antes no Teatro Municipal de Belo Horizonte (1943) e no Auditório para o Ministério da Educação (1948), o arquiteto já havia explorado as potencialidades estruturais, plásticas e rítmicas do exoesqueleto, ou seja, das estruturas porticadas externas à edificação (portanto, todos os três projetos são anteriores ao paradigmático edifício do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de Affonso Eduardo Reidy, de 1952).

Trabalhar com barras longas e curvas também não representa uma novidade para Oscar Niemeyer. Elas apareceram no projeto do Hotel da

Pampulha (1940-43) e se agigantaram no Hotel Quitantina (1950). Logo em 1962, o próprio ICC deu frutos, com o pavilhão Permanente de Trípoli.

Por fim, temos os elementos clássicos do ICC: as duas rampas e o sistema de proteção solar. Elementos presentes na trajetória do arquiteto desde a Obra do Berço (1937 – como os *brises*) ou da Caixa d'água de Ribeirão das Lages (1941 – com a rampa de acesso em forma de ferradura).

O desenho das rampas, em *U*, lembra a existente no interior do Palácio do Planalto (ou mesmo as dos pinguins do zoo de Londres, de Berthold Lubetkin, 1934).

No contexto internacional, a proposta de uma edificação única, curvada, ritmada e marcada pela repetição de elementos de arquitetura faz lembrar dos *crescent* ingleses, especialmente o Royal Crescent de Bath (1774), obra de John Wood.

Mantendo o viés edilício da análise, os palácios Trocadéro e Chaillot – respectivamente erguidos no âmbito das exposições universais de Paris, em 1878 e 1937, correspondem a bons precedentes de composição tripartida, com duas porções curvas periféricas e parte central funcionando como praça. São, igualmente, bons exemplares de edificações marcadas pela repetição ritmada de elementos de arquitetura.

Sobre a repetição de elementos estruturais, especialmente aqueles portantes de base retangular, cabe menção a uma observação do professor Alfonso Corona Martínez. O ilustre visitante, ao percorrer as grandes circulações do ICC, argumentou que a marcação da composição com pilares que se desenvolvem como placas de concreto o lembrava das soluções adotadas pelos racionalistas italianos<sup>6</sup>. De fato, vamos encontrá-las no Pavilhão Italiano da Exposição Universal de Paris (1937), de Marcello Piacentini, Giuseppe Pagano e Cesare Valle – particularmente na organização dos jardins internos – e, ressignificadas, reaparecem no longo complexo habitacional de Gallarate, em Milão (1967-1972), de Aldo Rossi.

O partido do ICC também remete a um conjunto de propostas que compõe o universo de reflexões e realizações a que Sylvia Ficher denominou de “paradigmas urbanísticos de Brasília”. E a primeira referência diz respeito à cidade linear de Arturo Soria y Mata (1882): uma faixa de largura limitada, que se estende ao longo de uma via, de comprimento indefinido.

O modelo espanhol gerou inúmeras formas urbanas e arquitetônicas, como as desenvolvidas por Le Corbusier para o Rio de Janeiro (1929); Affonso

Eduardo Reidy, no Conjunto Pedregulho (1948); e Luigi Carlo Daneri, no Quartiere Forte Quezzi, em Gênova (1956-1958) – edificação popularmente conhecida como “Il serpentone”.

Do ponto de vista da segregação de vias de transporte em subsolo, cabe mencionar as soluções desenvolvidas para a estrada de ferro subterrânea de Londres (1867) ou a *rue future*, de Eugène Hénard (1910). Associando cidade linear e especialização das vias, temos ainda *Roadtown*, de Edgar Chambless (1910).

Klaus Chaves Alberto, ao estudar os edifícios universitários, destaca que “essa postura de Oscar Niemeyer em projetar uma grande estrutura não foi a única e verifica-se que, concomitantemente, em outros países estavam sendo pensadas várias universidades que representavam ideias semelhantes”, como a Universidade de Essex, projetada por Kenneth Capon (1964) e East Anglia, projetada por Denys Lasdum (1963).

## MÓDULO

Em março de 1963, foi publicada a revista *Módulo* nº 32, inteiramente dedicada à UnB. A edição abre com artigo do reitor Darcy Ribeiro (datado de janeiro do mesmo ano), sobre o *Papel e função da Universidade de Brasília na luta pelo desenvolvimento*, em que explica a proposta pedagógica da nova instituição e realiza um balanço das realizações da Universidade no seu primeiro ano de existência. Cabe aqui destacar três fatos: o início do funcionamento do curso de Arquitetura e Urbanismo, a implantação dos cursos de pós-graduação (entre eles o de arquitetura) e o desenvolvimento do projeto do ICC. Sobre a edificação, o reitor fez questão de registrar seu entusiasmo:

O número de obras que a Universidade conseguiu realizar em um ano e, sobretudo, nesses últimos meses, e o padrão dessas obras é tão impressionante que precisa ser visto. O que o caracteriza é, em primeiro lugar, a conquista de um tipo novo de edificação, que guardando toda a dignidade, toda a sobriedade, toda a qualidade que uma universidade deve ter como imagem que é da Nação e da Cultura, fosse ao mesmo tempo, despida de qualquer caráter suntuário, de tudo que represente um preço a mais em recursos que poderiam ser aplicados na compra de livros, de equipamento ou na ampliação do corpo de professores. Outro aspecto assinalável é, além da sobriedade desse estilo, sua beleza, o seu baixo custo e a extraordinária celeridade com que os prédios têm sido feitos.

Neste começo de 1963, a UnB está construindo simultaneamente 11 prédios, e um deles – cuja construção deve começar dentro de poucos dias – representará a edificação maior em extensão em área construída e também em vulto de nossa cidade-capital. Trata-se do grande edifício dos Institutos Centrais de Ciência da Universidade de Brasília. Para meu gosto é o melhor projeto de Oscar Niemeyer. Naturalmente não terá a leveza sutil dos palácios da capital, mas terá uma sobriedade e grandiosidade realmente extraordinárias, grandiosidade tanto maior pelo seu sentido simbólico, por representar o edifício que conterà, pela primeira vez, os elementos capazes de tornar o Brasil realmente autônomo e independente num setor fundamental para um povo que efetivamente amadurece: o campo do saber, da ciência e da tecnologia [grifo nosso].

Na sequência do texto de Darcy Ribeiro, foram apresentados os projetos até então elaborados no Centro de Planejamento da Universidade: o escritório do CEPLAN (Oscar Niemeyer), a Praça Maior (Oscar Niemeyer), o Instituto de Ciências (Oscar Niemeyer), os apartamentos para professores (Lelé), os apartamentos para a embaixada da França (Glauco Campelo), os galpões para serviços gerais (Lelé), a escola primária (Oscar Niemeyer), o centro esportivo da juventude (Oscar Niemeyer) e o Instituto de Teologia (Oscar Niemeyer). É importante destacar que embora os projetos fossem desenvolvidos pela equipe do CEPLAN, todos eles apresentam um autor principal. Fato confirmado por Lelé:

Fizemos uma série de projetos – era um grupo: alguns projetos são meus, mas outros são em parceria com o Oscar. O embrião da pré-fabricação foi a Universidade, embora a fábrica não tenha se concretizado por causa da revolução [Golpe de Estado de 1964]. O ICC – Instituto Central de Ciências da UnB, conhecido como Minhocão – um projeto grande de Oscar, para o qual estudei a parte da industrialização, foi todo feito em pré-fabricado [grifo nosso].

A revista *Módulo* nº 32 dedicou ao ICC cinco páginas, entre texto, fotos da maquete (3), croquis (9) e planta baixas (3). O texto, provavelmente, é de autoria de Oscar Niemeyer, uma vez que segue a lógica, tradicionalmente adotada pelo arquiteto, de ilustrá-lo com pequenos desenhos explicativos e complementares. Sua leitura permite compreender a concepção arquitetônica adotada e identificar as alterações pelas quais passou o edifício:

O Instituto de Ciências compreende todas as Faculdades Científicas da Universidade. Com isso, sua utilização será mais flexível e lógica. Considerando o progresso da ciência e as solicitações imprevisíveis que o mesmo progresso estabelece, foi ponto básico do programa o de que a solução garanta maior flexibilidade, que os laboratórios possam crescer ou diminuir de tamanho e que sejam previstas áreas especiais onde os laboratórios futuros sejam localizados, sem limitações antecipadas de superfície, forma e altura. A solução adotada tem como princípio fundamental essas conveniências, possibilitando salas de diversos tipos, salas que podem ser utilizadas nas mais variadas formas.

Portanto, foi projetado um edifício linear, com possibilidade de crescimento horizontal (nas extremidades), com infinitos arranjos internos (nos blocos A, B e C), com variações de pé-direito (simples, duplo ou triplo), com sistema de abastecimento independente interno (subsolo) e com áreas potenciais de ampliação e novas construções (jardins interno e externo). Explica Oscar Niemeyer:

O edifício do Instituto de Ciências compõe-se de um bloco de 600 metros de extensão [na realidade 712 m] em duas alas paralelas afastadas 20 metros uma da outra [na realidade 15 m]. Na ala dos laboratórios está fixada uma largura de 9 metros, sendo que o comprimento dos mesmos pode ser reduzido ou aumentado em função das necessidades do trabalho. Esses laboratórios podem ter salas anexas no mesmo piso, ou tê-las no piso superior. Na ala destinada às salas de aula e seminários, a solução varia de acordo com as dimensões e capacidades dos anfiteatros. Um subsolo e uma rua interna estão previstos em toda a extensão do bloco, sob a ala dos laboratórios. Aí se localizam as unidades de suprimento, que terão com os laboratórios, também em toda a extensão do edifício, possibilidade de ligação direta, com a simples remoção de elementos do piso. Entre as alas está reservada uma área livre onde pouco a pouco serão localizados outros laboratórios, cujas coberturas se apoiarão nas paredes longitudinais das referidas alas, nas alturas e formas solicitadas. Para qualquer expansão futura, outro espaço livre ficou previsto na parte posterior do prédio, no qual poderão ser construídos novas unidades com inteira liberdade de concepção. Essas variações de formas e coberturas – que a linha horizontal do edifício acentua – constituirão a principal característica da arquitetura: imprevista e dinâmica, como a própria ciência.

## SEGUNDA FASE DA ARQUITETURA DA UNB

Em abril de 1964, a Universidade de Brasília foi invadida, desrespeitada e violentada. Dando início a uma sucessão de atos de força, que culminaram no desmonte da Instituição e na demissão – em bloco – de 90% dos seus professores. “No curso de arquitetura, o professor Edgar Graeff foi demitido e a totalidade dos professores se incorporou ao pedido coletivo de demissão”<sup>7</sup>, fato que inviabilizou a continuidade do curso e comprometeu os trabalhos em desenvolvimento no CEPLAN. Entre outros, Oscar Niemeyer e Lelé deixaram a Universidade.

Contando com a intermediação fundamental do Instituto dos Arquitetos do Brasil e de seu presidente, Fábio Penteadó; e com o apoio dos estudantes do Ica-Fau, só em 1967 começaram as ações concretas para a reabertura do curso de arquitetura e urbanismo. O que ocorreu graças ao trabalho de um conjunto de professores oriundos dos mais distintos recantos do Brasil. Faziam parte deste grupo de trabalho os arquitetos Neudson Braga (Ceará), José Liberal de Castro (Ceará), Paulo Magalhães (Brasília), Paulo Mendes da Rocha (São Paulo) e Miguel Pereira (Rio Grande do Sul). Com a chegada de novos profissionais, teve início um novo período da arquitetura e do campus da UnB.

A partir de 1970, uma segunda fase pode ser identificada. Uma arquitetura caracterizada pelo uso preponderante do concreto armado de forma bruta e expressiva. Os precedentes – na grande maioria dos exemplos – deixaram de ser cariocas e voltam-se principalmente para a produção paulista. O prédio da Biblioteca Central da UnB inaugurou a nova fase. A ele seguiram outros, todos de orientação brutalista, como os blocos da Casa do Estudante de Léo Bonfim Júnior e Alberto Fernando Xavier, o Restaurante Universitário de Galbinski, a Reitoria de Paulo Zimbres e o prédio da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Matheus Gorovitz. Ainda nessa fase foram construídos o Núcleo de Medicina Tropical, a Faculdade de Ciências da Saúde e a Faculdade de Tecnologia, todos de Adilson Costa Macedo e Érico Siegmur Weidle, com orientação mais próxima do brutalismo inglês.

De 1969 a 1970, foi elaborado pelo CEPLAN, sob coordenação do arquiteto Paulo de Melo Zimbres, um novo *Plano de Desenvolvimento Físico para a Cidade Universitária*. Implicou na transferência dos alojamentos de estudantes para junto do Centro Esportivo e na proposta de construção de um grande Centro de Vivência Universitária junto à face livre da Praça Maior de Oscar Niemeyer.

Os arquitetos José Galbinski, Miguel Pereira, Jodete Rios Sócrates e Wal-mir Aguiar desenvolveram um novo projeto para a Biblioteca Central (que mudou as proporções da Praça Maior), e Pedro Paulo de Mello Saraiva, Luiz Fisberg e Lourival Machado Rezende projetaram o Centro de Vivência (nunca construído). “Propôs-se também a implantação do Centro de Vivência da Universidade como complemento da Praça Maior, abrigando, além dos serviços de Restaurante, outras dependências de caráter comunitário”.

Em 1971, a administração da UnB decidiu construir o prédio da Reitoria e do Restaurante Universitário. Por imposição da administração, os novos prédios foram afastados. A reitoria permaneceu na Praça Maior, agora rebatizada de Praça Central, e o restaurante foi “jogado” no outro lado do ICC.

Os edifícios que abrigavam as atividades comunitárias foram considerados incompatíveis com o caráter do espaço originalmente proposto para a Praça Maior; foram assim deslocados para outro local e o Restaurante Central foi implantado a oeste do ICC, de maneira equidistante de todos os edifícios do campus.

O prédio da Reitoria, de Paulo de Melo Zimbres com a colaboração de Érico Weidle, é bastante significativo, uma vez que – no universo da Cidade Universitária – propõe um novo patamar de relação com o espaço externo e com a própria Praça Maior. Imaginado como um oásis no deserto, ergue-se sobre pilotis baixos, abriga jardins agradáveis e abre-se para o campus de uma forma convidativa e generosa. Pensado de maneira a possibilitar futuras ampliações, apresenta o caráter singelo e acolhedor reclamado por Oscar Niemeyer.

Segundo o arquiteto Adilson Costa Macedo, coordenador do CEPLAN durante parte da década de 70, o Plano de 1971 previa a criação de um eixo de crescimento do campus a partir da Praça Maior em direção as porções norte e sul. “Esta proposta insinuava a adoção de um sistema de projeto, para as edificações, em forma de malha, tipificando os espaços para as unidades necessárias à complementação do campus...”.

Ainda durante os primeiros anos da década de 70, o arquiteto Matheus Gorovitz coordenou o desenvolvimento do projeto de um grande conjunto arquitetônico, o da Aula Magna e Museu (nunca construído). Matheus considerou e respeitou os três projetos então em construção (o ICC, a Biblioteca e a Reitoria) e, entre eles, propôs um complexo semienterrado de edificações com 20 mil metros quadrados. O programa previa a construção de cinco



auditórios, quatro salas de reuniões e um grande museu. De certa forma, a proposta partiu de uma indicação do primeiro plano da UnB e desenvolveu o que Lucio Costa denominou “centro de recreação e cultura” (unidade a ocupar a área de gramados e jardins entre os institutos e a Praça Maior). De qualquer maneira, foi a única proposta desenvolvida, até aquele momento, que pensou em ocupar a área central entre a Praça e o ICC, inclusive prevenindo o acesso de automóveis.

## ACRÓPOLE

Em janeiro de 1970, foi a vez da revista *Acrópole* dedicar um número (369/370) à UnB. Seguindo o modelo adotado pela *Módulo* em 1963, a edição contemplou um artigo de abertura assinado pelo então reitor, Caio Benjamin Dias, intitulado *A estrutura da Universidade de Brasília*. A revista também dedicou cinco páginas ao ICC, entre texto, fotos (13), cortes (1) e plantas baixas (3). O texto reproduzido já era conhecido e de autoria de Oscar Niemeyer, exceto as informações complementares sobre o estágio da obra naquele momento:

A obra, iniciada em junho de 1963, está com a estrutura praticamente concluída. Atualmente, se executam os trabalhos de acabamento do trecho curvo e até o fim do corrente ano [1970] serão concluídos os acabamentos dos trechos retos (grifo nosso).

O conjunto de imagens que ilustra a matéria é importantíssimo, pois registra a montagem do edifício a partir da disposição, colocação e fixação das diferentes peças pré-moldadas.

## FORTUNA CRÍTICA

Embora muitos reconheçam a força e a importância do ICC, pouco se escreveu sobre o edifício, quase sempre condenado a virar simples verbete de algum guia de arquitetura. O próprio Oscar Niemeyer não considerava o edifício entre os seus favoritos e, constantemente, esqueceu de citá-lo ou incluí-lo em suas próprias publicações, gerando certa invisibilidade da obra.

No Brasil, Sylvia Ficher e Marlene Acayaba foram as primeiras a perceber tratar-se de uma das principais obras do período pós-inauguração de Brasília, descrevendo o edifício no pioneiro *Arquitetura moderna brasileira*:

O Instituto central de Niemeyer e João Filgueiras Lima adapta-se às curvas naturais do terreno ao longo dos seus 720 metros [na realidade 740 metros] de comprimento evitando assim uma monumentalidade excessiva. O edifício, um volume baixo e curvo, é uma estrutura pré-fabricada de pórticos transversais de concreto pretendido abrigando duas alas longitudinais unidas entre si por um caminho coberto de 15 metros de largura [...] Destacam-se, por sua leveza, as grandes rampas curvas em balanço.

O pequeno texto serviu de fonte para o *Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília*, foi retomado no *Guia arquitetura Brasília* e ampliado no *Guia de obras de Oscar Niemeyer*.

Júlio Katinsky, ao estudar *A Arquitetura de Oscar Niemeyer na Capital*, apelou para a tese da continuidade entre Pampulha e Brasília, a exemplificando com a comparação entre as diretrizes adotadas por Oscar Niemeyer no Cassino de Belo Horizonte e no Instituto da Universidade.

Hugo Segawa, em *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, discutiu sobre edificações escolares e o espaço universitário, no entanto, embora reconhecendo o ineditismo do modelo acadêmico da UnB, não considerou analisar o modelo arquitetônico do ICC.

Novamente no campo dos guias, Sandra Almeida produziu *Brasília – Guias de arquitetura latinoamericana*, afirmando que:

Do mesmo modo que se pensou a cidade como um todo coerente, muitos edifícios e conjuntos edilícios do Plano Piloto foram elaborados segundo conceitos programáticos coerentes a um mundo moderno com projeção ao futuro. A Universidade de Brasília foi concebida e construída em um marco coletivo, por uma geração de intelectuais que aspirava materializar, a nível acadêmico, as transformações que a modernidade pudesse oferecer: um verdadeiro projeto ideológico com um marco espacial correspondente (grifo nosso).

Ruth Verde Zein e Maria Alice Junqueira Bastos, em *Brasil: arquiteturas após 1950*, dedicaram um capítulo à experiência da UnB de industrialização da construção. Nele, discutiram, uma a uma, as propostas arquitetônicas

desenvolvidas a partir do Centro de Planejamento da Universidade: os galpões de serviços gerais, os alojamentos para professores e o próprio ICC:

De cunho genérico e modelar é o edifício inicialmente destinado a abrigar todas as unidades científicas de ensino básico da UnB: o Instituto Central de Ciências (ICC). Concebido por Oscar Niemeyer, com a colaboração de João Filgueiras Lima, o edifício, além da flexibilidade de espaços, previa a possibilidade de expansão. Questão premente num momento em que a ideia de progresso e desenvolvimento acelerados tornava as necessidades futuras imprevisíveis, apontando para o perigo de uma rápida obsolescência dos organismos arquitetônicos (grifo nosso).

Ao comparar as diferentes propostas desenvolvidas, Zein e Bastos perceberam o quanto a solução estrutural genérica, definida para todo o ICC, acabou por condicionar excessivamente ou neutralizar soluções espaciais de melhor qualidade ou de desenho mais apropriado às funções a que, efetivamente, se destinava a edificação.

Fora do Brasil, o alemão Alexander Fils incluiu o ICC nos livros *Oscar Niemeyer e Brasília moderne architektur in Brasilien*, numa análise global da arquitetura de Brasília. No entanto, dos autores estrangeiros que se dedicaram a escrever sobre Oscar Niemeyer, Gilbert Luigi, Lionello Puppi, Josep Maria Botey<sup>8</sup>, Matthieu Salvaing, David Underwood e Philip Jodidio, não consideraram o ICC.

Mais recentemente, três obras voltaram a reforçar a importância do edifício, seja em sua dimensão nacional ou internacional. Frederico Holanda, em *Oscar Niemeyer: de vidro e concreto*, independente dos atributos estruturais da obra, indicou o caráter urbano como o aspecto mais interessante do ICC:

Poderíamos falar em vários edifícios reunidos pelo mesmo envoltório mas topologicamente independentes: os espaços dos departamentos abrem direta e separadamente para o espaço linear de circulação entre as duas alas. Os jardins centrais, as pérgulas em cada ala, e o piso duro da circulação coberta mas aberta, correm paralelos aos ambientes internos e modulam a passagem do totalmente aberto para o totalmente recluso. O espaço entre as alas e os dois grandes *halls* de entrada são lugares de passagem mas também animados locais de convívio intensamente ocupados durante todo o dia. Sua forte identidade encanta usuários rotineiros e esporádicos: o “Minhocão” é por excelência o símbolo do campus para

a comunidade universitária... A utopia da integração universitária tem aqui espaço ideal (grifo nosso).

Eduardo Rossetti enfrentou o conjunto da produção arquitetônica da Capital em *Arquiteturas de Brasília*, destacando, entre outras coisas, que no caso do ICC “o concreto deixa de ser apenas um material tomado como parte da lógica do sistema construtivo e passa a valer como atributo estético da linguagem arquitetônica” – tema que encantou o arquiteto japonês Ryue Nishizawa, quando de sua visita ao edifício em 2010.

Por sua vez, Carlos Eduardo Dias Comas, na condição de curador da exposição do Museu de Arte Moderna de Nova York, *Latin America in construction. Architecture 1955-1980*, incluiu o ICC entre os seletos 18 projetos representativos da produção arquitetônica brasileira, a saber: Museu de Arte Moderna/RJ (1953-67), Parque do Flamengo/RJ (1962-65), Palácio da Alvorada/DF (1956-58), Plano Piloto de Brasília/DF (1957), Praça dos Três Poderes, Brasília/DF (1958-60), Congresso Nacional, Brasília/DF (1958-60), Esplanada dos Ministérios, Brasília/DF (1958-60), ICC, Brasília/DF (1963-71), Superquadras, Brasília/DF (1950-59), Terminal Rodoviário de Jauá/SP (1973-76), Ginásio do Clube Atlético Paulistano/SP (1958-61), Museu de Arte de São Paulo/SP (1957-68), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP/SP (1961-69), Hospital Sarah Kubitschek, Brasília/DF (1976-80), Estação de Transbordo da Lapa, Salvador/BA (1979-82), Residência Paulo Mendes da Rocha, São Paulo/SP (1964-66), Residência Marcos Azevedo Acayaba, São Paulo/SP (1972-75) e o SESC Pompéia, São Paulo/SP (1977-86).

Os livros de Frederico de Holanda e Eduardo Rossetti, a presença massiva de obras de Brasília (44%) na recente exposição do Moma, bem como a incorporação do ICC entre as consideradas obras exemplares da produção de 1955 a 1980, permitem constatar certa atualização do olhar em direção à arquitetura da Capital e, particularmente, apontam para um resgate historiográfico do ICC. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma das mais emblemáticas obras realizadas por Oscar Niemeyer. É audaciosa e atua como a espinha dorsal da própria cidade universitária, como alertou Sylvia Ficher. Neste sentido, não deixa de ser importante perceber que dois dos mais significativos edifícios erguidos com fins educacionais no Brasil, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi; e o Instituto Central de Ciência da UnB, de Oscar Niemeyer e João Filgueiras

Lima, tenham adotado partidos que fazem referência a dois dos principais elementos constitutivos do tecido urbano. Faculdade-praça e instituto-rua. Praça-salão e rua-corredor, ambos abertos<sup>9</sup> e cobertos, onde o “indivíduo se instrui, se urbaniza, ganha espírito de equipe”. Duas arquiteturas didáticas. Duas obras brutas, com vocação urbana e humana.

Abandono, essa é a sensação de quem chega no interior do ICC. As esperas de ferro indicam interrupção. As bicheiras nas peças de concreto denunciam omissão. A sujeira generalizada demonstra descaso. A invasão de gatos comprova o abandono. Terra de ninguém? Não. Terra de muitos, e de muitas gerações. De toda uma comunidade que, dia a dia, ao longo dos últimos cinquenta anos, circula pelo ICC. Permanece no ICC. Desfruta do ICC. Descobre o ICC. O Minhocão é a rua de pedestres que falta no Plano Piloto. É o lugar de todos, de encontros, de embates, de casos, de incidência e de ocorrências. No ICC cabe todo mundo! O ICC é a Universidade concretizada. Uma arquitetura forte, única, exemplar e resistente, maltratada como nossas cidades e como nossas escolas. Uma arquitetura tão rica, que é capaz de – mesmo com tanta omissão, descaso e abandono – fazer com que um tímido japonês reconheça suas infinitas qualidades e exclame *wonderful!*

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto do levantamento de fontes primárias sobre a arquitetura de Brasília e, em parte, reproduz algumas conclusões já apresentadas nos trabalhos: *Um registro necessário* (2006), *O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB)* (2010), *Guia de obras de Oscar Niemeyer* (2010), *O pitoresco nas regras da cidade moderna* (2011), *A Cidade de Costa(s) e o Instituto de Niemeyer* (2011) e *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília* (2014).

<sup>2</sup> Sobre o repertório projetual ver (MAHFUZ, 2002) e (PIZZATO, 2007).

<sup>3</sup> O primeiro Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília foi formado por Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Hermes Lima, Abgar Renault, Oswaldo Trigueiro e frei Mateus Rocha; e pelos membros suplentes Alcides da Rocha Miranda e João Moojen de Oliveira.

<sup>4</sup> Institutos Centrais de: Matemática, Física, Química, Geociências, Biologia, Ciências Humanas, Letras e Artes; e Faculdades de Engenharia, Educação, Direito-Economia-Administração-Diplomacia, Ciências Agrárias, Ciências Médicas e Arquitetura e Urbanismo.

<sup>5</sup> A extensão do ICC sempre causou discordância entre os autores que se dedicaram ao tema: 600 m (NIEMEYER, 1963, p. 35), 696 m (CAVALCANTE, 2015, p. 139), 720 m (NIEMEYER, 1970, p. 23) e 800 m (RIBEIRO, 1978, p. 37).

<sup>6</sup> Agradeço à professora Sylvia Ficher por ter compartilhado o presente comentário.

<sup>7</sup> Depoimento do arquiteto Fernando Burmeister para o Cedoc/UnB.

<sup>8</sup> O autor demonstra total desconhecimento da UnB e de sua arquitetura.

<sup>9</sup> Apenas na década de 2010 o ICC recebeu fechamento com portões de ferro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTO, K. C. A pré-fabricação e outros temas projetuais para campi universitários na década de 1960: o caso da UnB. *Risco* (10), 80-90, 2009.
- ALMEIDA, J. *Universidade de Brasília: a ideia, diáspora e individuação*. Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2012.
- ALMEIDA, S. *Brasília - Guías de arquitectura latinoamericana*. Buenos Aires: Clarín, 2010.
- ARTIGAS, V. *Vilanova Artigas*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e Fundação Vilanova Artigas, 1997.
- BENÉVOLO, L. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BOTEY, J. M. *Oscar Niemeyer. Obras y proyectos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.
- BRAGA, A., & FALCÃO, F. *Guia de urbanismo, arquitetura e arte de Brasília*. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 1997.
- BRASIL. Lei nº 3998. *Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências*. 15 de dezembro de 1961.
- CAPDEVILLE, F. *Análise crítica do Instituto Central de Ciência - UnB*. Graduação, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2003.
- CASTELO, R. A Universidade de Brasília. As lições do passado. *Palestra*. Brasília. 12 de abril de 2010.
- CAVALCANTE, N. *Ceplan: 50 anos em 5 tempos*. Tese, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2015.
- COLLINS, P. *Los ideales de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- COMAS, C. E., BERGDOLL, B., LIERNUR, J. F., & REAL, P. d. *Latin America in construction: Architecture 1955-1980*. New York: MoMa, 2015.
- COSTA, L. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

- DIAS, C. B. A estrutura da Universidade de Brasília. *Acrópole* (369/370), 13-15. (Janeiro de 1970).
- FICHER, S., & ACAYABA, M. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- FICHER, S., & BATISTA, G. *Guiarquitetura Brasília*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.
- FICHER, S., & PALAZZO, P. Os paradigmas urbanísticos de Brasília. *Cadernos do PPG-AU FAUFBA*, 49-71, 2005.
- FICHER, S., & SCHLEE, A. *Guia de obras de Oscar Niemeyer. Brasília 50 anos*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.
- FILS, A. *Oscar Niemeyer*. Münsterscharzach: Frölich & Kaufmann, 1982.
- FILS, A. *Brasília moderne architecture in Brasilien*. Düsseldorf: Beton-Verlag, 1988.
- FONSECA, R. P. *A estrutura do Instituto Central de Ciências: aspectos históricos, científicos e tecnológicos do projeto, execução, intervenções e proposta de manutenção*. Mestrado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2007.
- FUENTES, M. A. *Os primeiros mestrados da FAU-UnB: de um passado que não se construiu*. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2017.
- HOLANDA, F. *Oscar Niemeyer: de vidro e concreto*. Brasília: FRBH, 2011.
- JODIDIO, P. *Oscar Niemeyer, 1907-2012. A alvorada passada e futura*. Barcelona: Taschen, 2012.
- KATINSKY, J. *Brasília em três tempos. A arquitetura de Oscar Niemeyer na Capital*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- LAEMMERT, E. *Almanak Laemmert*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1847. Acesso em 25 de Agosto de 2018, disponível em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/almanak/al1847/>
- LEITÃO, F. d. *Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964*. Mestrado, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2003.
- LIMA, J. F. *João Filgueiras Lima, O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima). Entrevista a Cynara Menezes*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LIMA, J. F. Crônicas de Brasília 1957/1961. *Arquitetura e Urbanismo*, 192, pp. 68-71, março de 2010.
- LUIGI, G. *Oscar Niemeyer, une esthétique de la fluidité*. Marseille: Paranthèses, 1987.
- MAHFUZ, E. O clássico, o poético e o erótico: método, contexto e programa na obra de Oscar Niemeyer. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis* (4), 121-13, 2002.
- MAHLER, C. R. *Territórios universitários: tempos, espaços, formas*. Tese, Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2015.
- MONNIER, G. The building-as-event and the history of architecture. *Changing boundaries: architecture history in transition. Summaries* (p. 79). Paris: INHA/SAH, 2005.
- MONTANER, J. M. *Sistemas arquitetônicos contemporâneos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

- NIEMEYER, O. Praça Maior da Universidade de Brasília. *Módulo* (28), 10-11, junho de 1962.
- NIEMEYER, O. Instituto de Ciências. *Módulo* (32), 34-38, março de 1963.
- NIEMEYER, O. Praça Maior. *Módulo* (32), 33, março de 1963.
- NIEMEYER, O. Instituto Central de Ciências. *Acrópole* (369/370), 21-25, fevereiro de 1970.
- NIEMEYER, O. *Oscar Niemeyer* (2ª ed.). Paris: Alfabeta, 1977.
- OLIVEIRA, N. C. *O mestre da arte de resolver estruturas. A história do engenheiro Bruno Contarini*. São Paulo: M3 Editorial, 2016.
- PAPADAKI, S. *The work of Oscar Niemeyer* (1ª ed.). New York: Reinhold, 1950.
- PAPADAKI, S. *Oscar Niemeyer: works in progress*. New York: Reinhold, 1956.
- PAPADAKI, S. *Oscar Niemeyer*. New York: George Braziller, 1960.
- PIZZATO, E. Curvas na obra de Oscar Niemeyer. *ArqTexto* (10/11), 42-65, 2007.
- PUPPI, L. *A arquitetura de Oscar Niemeyer*. Rio de Janeiro: Revan, 1988.
- RIBEIRO, D. Papel e função da Universidade de Brasília na luta pelo desenvolvimento. *Módulo* (32), 1-11, março de 1963.
- RIBEIRO, D. *UnB: invenção e descaminho*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- RIBEIRO, D. *Universidade de Brasília*. Brasília: UnB, 2012.
- ROSSETTI, E. *Arquiteturas de Brasília*. Brasília: Terceiro Setor, 2012.
- SALVAIN, M. *Oscar Niemeyer*. Madrid: H. Kliczkowski, 2002.
- SCHLEE, A. R. A cidade de Costa(s) e o Instituto de Niemeyer. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- SCHLEE, A. R. O Lelé na UnB (ou o Lelé da Unb). Em C. E. Porto, *Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima* (pp. 149-164). Brasília: UnB, 2010.
- SCHLEE, A. R. O pitoresco nas regras da cidade moderna: Lucio Costa e o Plano da Cidade Universitária de Brasília. Em F. el-Dahdah, *Lucio Costa - arquiteto* (pp. 91-106). Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2011.
- SCHLEE, A. R. *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília*. Brasília: UnB, 2014.
- SCHLEE, A. R. *Um registro necessário*. Brasília: Ceplan UnB, 2006.
- SEGAWA, H. *Arquiteturas no Brasil, 1900-1990*. São Paulo: USP, 1997.
- STÄUBLI, W. *Brasília*. New York: Universe Books, 1965.
- TODOROV, J. C. UnB: um depoimento. Em D. Ribeiro, *Cartas: falas, reflexões, memórias* (pp. 55-59). Brasília: Gabinete do senador Darcy Ribeiro, 1991.
- UnB. *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1962.
- UnB. *Plano de desenvolvimento físico*. Brasília: Ceplan/UnB, 1975.
- UnB. Plano orientador. *Humanidades* (61), 37-49, março de 2018.
- UNDERWOOD, D. *Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- VARELA, S. UnB 30 anos de história, pioneirismo, resistência, homens e fatos. Em *UnB 30 anos* (pp. 99-156). Brasília: UnB, 1992.
- ZEIN, R. V., & BASTOS, M. A. *Brasil: arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.



# Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

# Crédito das figuras

## **ACERVOS:**

### **CEPLAN**

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

### **Arquivo Público do Distrito Federal**

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

### **Arquivo Central da Universidade de Brasília**

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

### **Wikimedia Commons**

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

### **Acervo pessoal de Matheus Gorovitz**

Capítulo 1: 28

### **Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ**

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

### **Acervo UFPE**

Capítulo 3: 2, 4

### **IPHAN – PE**

Capítulo 3: 3

### **Plano Diretor Físico – UFPE**

Capítulo 3: 5, 10

### **Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE**

Capítulo 3: 6, 7

### **Acervo FAM/PROPAR/UFRGS**

Capítulo 4: 1, 2, 3, 5a, 5b, 12, 13, 14, 15, 8b

### **Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS**

Capítulo 4: 4, 6, 7, 8a, 9, 10, 11

### **Acervo PVC/FA/UFRGS**

Capítulo 4: 16

### **Acervo UFMG**

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

### **Prefeitura do Campus**

Capítulo 9: 9

### **Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB**

Capítulo 11: 1, 2

### **Google Earth**

Capítulo 11: 3

## **FOTOGRAFIA:**

### **Randal Andrade**

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

### **Paulo Honorato (ilustração)**

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

### **Maria Cláudia Candeia de Souza**

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

### **Diogo Barretto**

Capítulo 3: 8

**Lucas Jordano**

Capítulo 3: 9

**Irineu Breitman**

Capítulo 4: 3

**Sérgio M. Marques**

Capítulo 4: 8b

**Carlos Alberto Batista Maciel**

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

**Junia Mortimer**

Capítulo 5: 12

**Paola Ferrari**

ICC: 1, 2, 3

**Elcio Gomes da Silva**

Capítulo 8: 1

**Juliano Caldas de Vasconcellos**

Capítulo 8: 12

**Cláudia Amorim**

Capítulo 9: 4, 5, 6

**Caio Silva**

Capítulo 9: 7

**Nayanna Nobre**

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

**FONTES BIBLIOGRÁFICAS:**

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < <https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES->

[-09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

**MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:**

**Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez**  
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

**SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:**

**Programa Sol-Ar**  
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

## **Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas**

### **CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:**

#### ***Luciana Saboia Fonseca Cruz***

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

#### ***Ana Elisabete de Almeida Medeiros***

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

### ***Paola Caliar Ferrari Martins***

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

## **CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:**

### ***Matheus Gorovitz***

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado(1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

***Maria Cláudia Candeia de Souza***

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

***Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu***

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

***Fernando Diniz Moreira***

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

***Sérgio Moacir Marques***

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO\_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

***Carlos Alberto Batista Maciel***

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

***Andrey Rosenthal Schlee***

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

***Cláudio Oliveira Arantes***

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

***Elcio Gomes da Silva***

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função



de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

***Juliano Caldas de Vasconcellos***

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

***José Manoel Morales Sánchez***

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

***Cláudia Naves David Amorim***

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

***Caio Frederico e Silva***

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

***Guilherme Oliveira Sales***

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

***Reinaldo Guedes Machado***

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

***Frederico Flósculo Pinheiro Barreto***

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.







A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

*Jaime Gonçalves de Almeida*

EDITORA



**UnB**